



SANTANA, Luana. O anacronismo na invocação da obra *Os Brasís*, de Francisco de Mello Franco. In: *Revista Épicas*. Ano 3, N. 6, Dez 2019, p. 1-6. ISSN 2527-080-X.

## O ANACRONISMO NA INVOCAÇÃO DA OBRA *OS BRASIS*, DE FRANCISCO DE MELLO FRANCO

### L'ANACRONISME DANS L'INVOCATION DE L' ŒUVRE *OS BRASIS*, DE FRANCISCO DE MELLO FRANCO

Luana Santana<sup>1</sup>  
(UFS/CIMEEP/CNPQ)

**RESUMO:** Estudo da epopeia *Os Brasís* (2000), de Francisco de Mello Franco, com foco na invocação épica, de modo a verificar a presença ou não do anacronismo. Faremos, ainda, breves referências à presença das musas na tradição épica.

**Palavras-chave:** *Os Brasís*; Francisco de Mello Franco; Epopeia brasileira; Invocação.

**RÉSUMÉ:** Une étude de l'épopée *Os Brasís* (2000), de Francisco de Mello Franco, en se concentrant sur l'invocation épique, afin de vérifier la présence ou l'absence d'anachronisme. Nous ferons également de brèves références à la présence des muses dans la tradition épique.

**Mots-clés:** *Os Brasís*; Francisco de Mello Franco; Épopée brésilienne; Invocation.

Francisco Manoel de Mello Franco (1933-2015), mineiro, descendente de tradicional família de homens públicos notáveis, entre eles Francisco de Mello Franco (1757-1823), foi um dos colaboradores na redação do dicionário *Houaiss* (2001). Além de Engenheiro civil, Franco era um grande escritor, e uma de suas contribuições para a literatura brasileira é o

---

<sup>1</sup> Pesquisadora PIBIC/CNPq da Universidade Federal de Sergipe, campus Itabaiana.

poema épico *Os Brasís* (2000), obra que iremos analisar adiante, de modo a verificar se (e, em caso positivo, como) o anacronismo se faz presente na invocação da obra.

Com um olhar poético, Francisco de Mello Franco tem como matéria épica a saga do povo brasileiro, passeando pelos momentos marcantes da História do Brasil, em texto marcado pela erudição. Sendo assim, *Os Brasís* (2000) apresenta uma dimensão e um olhar próprios para a história do nosso país. Com 9.168 versos decassilábicos organizados em dez cantos, o poema apresenta a criação de um país miscigenado entre os índios primitivos, os negros africanos e os brancos europeus. A partir do heroísmo coletivo de um povo, Franco dá destaque, em sua obra, aos feitos heroicos de pessoas que marcaram a História do Brasil.

No tocante à presença e à classificação da invocação épica na obra<sup>2</sup>, temos, em relação ao destinatário, uma invocação à natureza. Esse tipo de invocação ocorre “quando a natureza ou alguns de seus elementos são chamados a socorrer o poeta em seu processo de criação (RAMALHO, 2015, p. 129). Nesse caso, temos como destinatária a fonte de Hipocrene. A fonte de Hipocrene, também conhecida por fonte de Hélicon, era a fonte da inspiração de todos os poetas, segundo a mitologia grega esta fonte foi criada quando o cavalo alado Pégasus, com um coice, fez jorrar água das pedras. Os poetas corriam para esta fonte para beber de suas águas e, assim, receber inspiração para compor seus versos épicos. Era nessa fonte também que as musas cantavam e dançavam (GRIMAL, 2000).

Ernest Robert Curtius, em seu livro *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (1996), difunde a ideia de continuidade entre as heranças culturais greco-romana e renascentistas, e ressalta que as musas, divindades das fontes, constituem uma das constantes formais ‘concretas’ da tradição literária clássica. A missão das musas na epopeia era inspirar ao poeta o que se deve dizer. Como pontua Ramalho,

Considerando que as musas gregas sempre estiveram, simbólica ou alegoricamente, por trás dos talentos humanos, inspirando e, de certo modo, protegendo a criatividade dos artistas (em sua grande maioria, homens), era em geral a elas, no plural, ou a algumas delas, em especial, que o poema épico clássico se dirigia (RAMALHO, 2015, p.127).

Sobre a invocação às musas, lembramos que, Homero, autor das obras *Ilíada* e *Odisseia*, invoca as Musas em suas epopeias, tendo como finalidade o pedido de inspiração e conhecimento necessários para elaboração de suas obras. Assim como Homero, também

---

<sup>2</sup> Utilizo aqui as categorias teóricas de Ramalho (2015).

Hesíodo e Virgílio invocam-nas em suas obras, mas de maneiras diferentes. Virgílio, por exemplo, “põe a recitar uma poesia didática sobre a filosofia natural” (CURTIUS, 1996, p.294).

Essa prática de invocação às Musas também foi observada mais tarde em centros de atividade intelectual, como em escolas e círculos filosóficos. Muitos intelectuais, tais como Empédocles, Teócrito, Cícero, Posidônio, Horácio, Ovídio e entre outros, de formas diferentes, relataram, em suas obras, sobre as Musas.

A mitologia e a tradição heroica começam a cair em descrença entre os primeiros sucessores de Augusto, em consequência disso, o culto às Musas também esmaecia, pois ocorreu uma transformação no pensamento, e o espírito romano envolve do paganismo para a fé na sobrevivência da alma. Desse modo, foram criados novos cultos de invocação: a apoteose dos cézares e a apoteose do poeta a seu próprio espírito, ficando ou rejeitada ou posta em segundo plano a invocação às Musas. Pérsio, por exemplo, fez inúmeras sátiras com as Musas, rejeitando-as e influenciando a posteridade. Em um de seus poemas, Pérsio cita que “Nunca molhei meus lábios na fonte do Cavalo” (CURTIUS, 1996, p. 297), sendo essa fonte a de Hipocrene, uma fonte localizada no Monte Hélicon, e, em cujas águas, os poetas que dela bebessem poderiam encontrar inspirações para a realização de suas obras, no entanto, ao falar que nunca molhou os lábio na fonte do Cavalo, Pérsio rejeita e satiriza o culto às Musas. Assim também Píndaro, Lucano e Prudêncio deixam as musas de lado e invocam o espírito poético.

Consagrada às musas, a Fonte de Hipocrene torna-se o destinatário do pedido de apoio e inspiração no poema *Os Brasis*:

7

À fonte de Hipocrene consagrada  
Às musas, peço que me inspire,  
E faça, ao bom sucesso dedicada,  
Que Apolo, junto aos seus, por mim conspire,  
Não deixando a lira calar cansada,  
Mas que da verdade pura me inspire,  
Trazendo a conclusão, que o esforço visa,  
E o fim da servidão, que me escraviza  
(FRANCO, 2000, p. 5).

Além da alusão à fonte de Hipocrene e às musas, temos também a alusão ao deus Apolo que, no mundo dos deuses homéricos, era a única figura a qual mantinha relações constantes com as musas e é também conhecido como o deus da poesia.

A fonte de Hipocrene, portanto, era considerada a fonte de inspiração poética por excelência, sendo que quem bebia das suas águas ficava em comunhão com as musas, seres para quem era destinada a invocação de epopeias clássica e renascentista. Possuindo vínculo com elementos/figuras das invocações da poesia épica clássica, a invocação à fonte de Hipocrene revela uma intenção épica mais explícita na obra *Os Brasís*, de Francisco de Mello Franco.

Quanto ao posicionamento da invocação épica, a obra *Os Brasís* apresenta uma invocação tradicional, que ocorre quando ela é inserida logo nos primeiros versos do poema, seja antes ou depois da proposição. Nesse caso, a obra apresenta a proposição nas cinco primeiras estrofes do poema, e a invocação surge logo depois da proposição, na sétima estrofe. Exemplos de obras pertencentes ao gênero épico e que também apresentam uma invocação tradicional, são *Eneida*, de Virgílio e *Os Lusíadas*, de Luís de Camões. Mais uma vez, percebe-se que Franco teve obras clássicas e renascentistas como modelo para sua criação literária.

No que concerne ao conteúdo da invocação, a obra contém um conteúdo metatextual, que se refere ao centramento no fazer poético. Através da invocação, busca-se o apoio do ser invocado, de modo que o eu-lírico/narrador possa apossar-se dos elementos necessários para a composição épica.

Tal como vimos, a invocação de *Os Brasís*, de Francisco de Mello Franco é carregada de referentes épicos, marcando a intenção do autor de filiar-se à tradição literária clássica e renascentista. O poema utiliza, além da invocação, referências a formatos épicos tradicionais, fazendo reconhecer a intencionalidade épica do autor, o que, de certo modo, lhe confere um caráter anacrônico e diminui o grau de inventividade presentes em epopeias modernas e pós-modernas. Diferentemente de outras epopeias por nós estudadas dentro da pesquisa de Iniciação Científica, como *Memorial de Rondon* (1995), de Stella Leonardos, ou *As marinhas* (1984), de Neide Archanjo, Franco não se aproveita de referentes míticos ou elementos naturais e culturais brasileiros para elaborar sua invocação, o que, sem dúvida, distancia sua obra da criatividade e do investimento na identidade nacional que caracteriza as epopeias de Leonardos e Archanjo, ainda que a matéria épica do poema de Franco esteja centrada no Brasil. No plano literário da obra, portanto, esse investimento não ocorre no plano da linguagem.

Sobre a presença desse tom anacrônico, lembramos que, tal como propõe a pesquisa desenvolvida pelo *Programme Anachronismes porteurs*, podemos entender o anacronismo de diferentes formas: o anacronismo que integra representações equivocadas do passado; o anacronismo que elide temporalidades distintas, aproximando referentes; o anacronismo como emulação criativa; e o anacronismo como um código “retro” intencional (in RAMALHO, 2017).

No tocante ao anacronismo presente na invocação da obra *Os Brasís*, é possível reconhecê-lo como um código “retro” intencional, já que o autor demonstra que buscou na épica clássica o modelo para realização de seu poema. Nesta perspectiva, é nítido que Franco fez uso das tradições épicas clássicas e camoniana para sustentar estruturalmente a identidade épica de seu texto, ainda que, mesmo que em menor grau em relação às produções épicas modernas e pós-modernas, a obra possua certa inventividade. Vejamos que, em *Eneida* (2005, p. 15 *apud* RAMALHO 2015, p. 131), por exemplo, temos quase a mesma classificação da invocação presente em *Os Brasís*:

Musa, as causas me aponta, o ofenso nume,  
Ou porque mágoa a soberana deia  
Compeliu na piedade o herói famoso  
A lances tais passar, volver tais casos.  
Pois tantas iras em celestes peitos!

Possuindo uma invocação pagã, com posicionamento tradicional e conteúdo metatextual, a obra *Eneida*, de Virgílio é um exemplo que mostra como a cultura romana foi baseada nos gregos. Pois a obra inicia onde a *Ilíada*, de Homero, terminou.

Sendo assim, é possível inferir, a partir do que foi exposto, que a obra *Os Brasís* tem uma explícita alusão direta à tradição épica clássica e renascentista, o que lhe confere certo arcaísmo em relação as obras produzidas em seu tempo. No entanto, a intenção do autor em filiar-se ao gênero épico tradicional possibilita a permanência desse gênero na atualidade, demonstrando que, mesmo seguindo o modelo clássico, o autor possibilitou, através de seu texto, uma nova perspectiva em relação à História do Brasil, o que só se pode dimensionar por meio do estudo do plano histórico da obra.

## Referências

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Europeia e Idade Média Latina**. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1996. Cap. 13, p. 291-311

FRANCO, Francisco de Mello. **Os Brasis**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal**. Aracaju: ArtNer, 2015.

RAMALHO, Christina. A Herança clássica nas epopeias brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

In: COELHO, Amós (Org). **As fronteiras da antiguidade clássica e cultura oriental: imanências**.

Rio de Janeiro: Metáfora, 2017, p. 350-371.